

Araújo, Carlos R.V. - 141/144

Morre em 1970 reconhecido como um dos maiores economistas deste século e deixando atrás de si uma obra notável.

KALECKI - EQUAÇÃO DAS LUCROS

#### 14.4 A RENDA NACIONAL E OS DETERMINANTES DO LUCRO (EQUAÇÃO SIMPLES)

Kalecki inicia seu estudo do capitalismo separando os agentes econômicos em duas classes sociais, capitalistas e trabalhadores. Supõe, inicialmente, uma economia fechada (sem comércio exterior) e sem governo. Supõe ainda que os trabalhadores gastam tudo o que ganham (não pouparam). Tendo em mente estes supostos, divide a economia em três setores ou departamentos:

- Departamento I (produtor de bens de produção).
- Departamento II (produtor de bens de consumo para os capitalistas).
- Departamento III (produtor de bens de consumo para os trabalhadores).

No quadro a seguir, usamos os seguintes símbolos:

- $P$  — lucro
- $W$  — salário
- $I$  — investimento
- $C_c$  — consumo dos capitalistas
- $C_w$  — consumo dos trabalhadores

Os diversos índices numéricos indicam os departamentos a que pertencem os símbolos. Por exemplo,  $P_1$  significa o lucro do Departamento I,  $W_2$  significa a massa de salário paga no Departamento II etc.

Para simplificar o raciocínio, ele supõe que os bens intermediários são produzidos pelos próprios departamentos que os utilizam. Temos, então:

Departamento I	Departamento II	Departamento III	
$P_1$ $W_1$	$P_2$ $W_2$	$P_3$ $W_3$	$P$ $W$
$I$	$C_c$	$C_w$	$Y$

A soma dos lucros dos três departamentos dá o lucro total:

$$P_1 + P_2 + P_3 = P$$

de os gastos do governo. Já nesta época, Kalecki procura mostrar teoricamente os efeitos positivos dos gastos governamentais nos lucros dos capitalistas e na ampliação da renda nacional.

A expressão *exportações internas* merece esclarecimento. Ela tem raízes na obra de Rosa Luxemburgo. Para esta autora, o capitalismo só poderá sobreviver enquanto existirem regiões ou espaços não capitalistas capazes de absorver a produção capitalista. Estes espaços não capitalistas para os quais os países capitalistas exportam, não são necessariamente outros países. Podem ser os setores não capitalistas no interior de um país capitalista, como é o caso da economia camponesa e do governo.

Kalecki mostrará (corrigindo Rosa Luxemburgo) que o importante, nestes casos, é o saldo líquido das exportações (exportações menos importações) e não o volume total de exportações.

Ao falar dos gastos governamentais, ele salienta a repercussão positiva destes gastos na economia, mas tem o cuidado de mostrar que o aumento da atividade econômica daí resultante leva também ao aumento das importações e, neste caso, o importante é o saldo e não o aumento bruto da renda.

Em 1935 Kalecki ganha uma bolsa de estudo. Resolve ir para a Suécia, onde, no momento, Gynnar Myrdal estava preocupado com problemas teóricos semelhantes aos seus. Desiludido com os supostos teóricos de Myrdal, ele parte para a Inglaterra, no ano seguinte (1936), onde, com a recente publicação da *Teoria geral*, encontraria clima propício a suas pesquisas.

Inicia na London School of Economics, passando depois para Cambridge, onde encontra Keynes e aumenta sua amizade por Joan Robinson e Piero Sraffa. Em janeiro de 1940 transfere-se para Oxford, onde permanece até o fim da guerra.

Em 1946 volta à Polónia, mas, descontente com a política stalinista de seu governo, parte para New York, onde trabalha no departamento econômico das Nações Unidas. Permanece em seu posto até 1954, quando se demite por questões de princípio.

Em 1955 está novamente na Polónia e aí permanece até 1968. Neste ano, com a perseguição movida pelo governo a alguns de seus melhores amigos e colegas, Kalecki demite-se mais uma vez. A personalidade deste homem é extremamente coerente. Três vezes ele deixa cargos e funções em solidariedade a amigos perseguidos ou por coerência de princípios. Em 1937, já na Inglaterra, demite-se do *Instituto de Pesquisa de Conjuntura Econômica e Preços* em solidariedade a Landau, seu antigo superior nesse instituto, e que perdera o cargo a mando do governo polonês. Em 1954 demite-se do departamento econômico das Nações Unidas porque, sob a influência da guerra-fria e do macartismo, alteraram um relatório orientado por ele sobre a situação econômica da China popular. Em 1968, abandona todas as funções e cargos na Polónia e recusa-se mesmo a escrever em seus jornais, porque um governo sectário perseguiu seus colegas.

A soma dos salários dos três departamentos dá o salário total:

$$W_1 + W_2 + W_3 = W$$

A renda nacional pode ser obtida somando a última coluna ou a última linha. Temos, então:

$$P + W = Y \quad (1) \quad \text{leitura da coluna (vertical)}$$

$$I + C_c + C_w = Y \quad (2) \quad \text{leitura da linha (horizontal)}$$

De (1) e (2) temos:

$$P + W = I + C_c + C_w \quad (3)$$

mas como por hipótese os trabalhadores gastam todo o salário em bens de consumo, temos que o salário é igual ao consumo dos trabalhadores, ou seja:

$$W = C_w \quad (4)$$

Substituindo (4) em (3), temos:

$$P + W = I + C_c + W$$

$$P = I + C_c \quad (5)$$

Esta última equação não é apenas uma igualdade contábil. Para Kalecki, ela quer dizer muito mais do que isso. Quer dizer que o lucro é determinado pelo investimento ( $I$ ) e pelo consumo dos capitalistas ( $C_c$ ). Qual a razão que ele aduz para isto? Por que não dizer simplesmente que o lucro se divide em investimento e consumo dos capitalistas? A razão é simples. Os capitalistas não podem decidir *diretamente* sobre o lucro futuro. Mas podem decidir *diretamente* sobre o quanto irão gastar em consumo e em investimento. A decisão sobre o consumo e o investimento determina o lucro. E quanto mais gastarem, tanto maior será seu lucro. Eis uma conclusão paradoxal.

— Os capitalistas ganham o que gastam.

— Os trabalhadores gastam o que ganham.

Estas duas afirmações de Kalecki decorrem da equação (5). Não são jogos de palavras.

Para toda a escola clássica e neoclássica, isto tudo é muito estranho. Adam Smith fizera o elogio da parcimônia. O capitalista devia ser parcimonioso para aplicar em investimento o que deixara de consumir. Böhm-Bawerk, Fisher e todos os construtores da teoria neoclássica do investi-

mento afirmavam que o lucro era o prêmio pelo sacrifício que se faz ao adiar o consumo. Chega Kalecki e afirma exatamente o contrário: os capitalistas tanto mais ganharão quanto mais gastarem. E isto por uma razão simples: o volume da renda nacional não é dado como se fosse um bolo. A renda aumenta com os gastos e diminui com os cortes nos gastos. Está aqui todo o problema da *demandada efetiva*.

É bom notar que esta é também a conclusão de Keynes. Não é à toa que sua teoria pareceu tão revolucionária aos olhos neoclássicos.

## 14.5 OS SALÁRIOS E OS LUCROS

Segundo a visão neoclássica (e a visão do senso-comum, que nem sempre é visão de bom-senso), quanto maiores os salários, menores os lucros. É a "teoria do bolo". Se examinarmos bem, veremos que isto não é verdade para a economia como um todo. Voltemos ao esquema de Kalecki:

I	II	III	
$P_1$ $W_1$	$P_2$ $W_2$	$P_3$ $W_3$	$P$ $W$
$I$	$C_c$	$C_w$	$Y$

Se houver um aumento geral de salários, a curtíssimo prazo os lucros dos departamentos I e II irão diminuir. Mas o departamento III, que produz bens de consumo para os trabalhadores, terá seu lucro aumentado do mesmo montante em que subiram os salários. No conjunto, permanece a divisão entre lucros e salários. O que houve foi transferência de renda dos capitalistas dos setores I e II para os capitalistas do setor III. Isto porque:

$$W_1 + W_2 = P_3 \quad (6)$$

A equação (6) mostra apenas que o lucro do departamento III é igual à soma da massa salarial dos departamentos I e II.

A suposição implícita neste raciocínio é a de que os departamentos trabalham com capacidade ociosa. Portanto, com o aumento dos salários, o departamento III poderá aumentar sua produção. Não se esqueça de que o departamento III vende bens de salário e de que os trabalhadores

não poupam. A suposição de capacidade ociosa é realista. Kalecki a faz porque o sistema capitalista quase nunca trabalha com pleno emprego de fatores.<sup>2</sup>

Não sendo válida tal suposição, teríamos inflação no departamento III que, não podendo atender ao excesso de demanda decorrente de maiores salários, aumentaria seus preços. Esse aumento, por sua vez, se propagaria por todo o sistema, via pressões salariais.

Mantenhamos a hipótese da capacidade ociosa, que é a mais realista. Neste caso, os lucros do departamento III aumentarão. Este departamento multiplicará suas encomendas ao departamento I que, assim, verá aumentados seus lucros. Voltemos, agora, às equações (5) e (1).

$$P = I + C_c \quad (5)$$

$$Y = P + W \quad (1)$$

O aumento dos investimentos aumentará os lucros. O aumento dos lucros aumentará a renda que levará todo o sistema para um patamar mais elevado.<sup>3</sup>

#### 14.6 A RENDA NACIONAL E OS DETERMINANTES DO LUCRO (EQUAÇÃO AMPLIADA)

Vamos agora ampliar o modelo. Ampliar o modelo significa levar em conta as relações do país com o exterior, isto é, seu saldo de exportações, os gastos do governo e a tributação. Neste caso, o produto nacional bruto será resultado das somas que aparecem nas duas colunas abaixo:

(1)	(2)
Lucros brutos menos impostos	Investimento bruto
Salários menos impostos	Saldo das exportações
Impostos diretos e indiretos	Gastos do governo
Produto Nacional Bruto	Consumo dos capitalistas
	Consumo dos trabalhadores
	Produto Nacional Bruto

Reescrevendo em símbolos a coluna (2), teríamos:

$$Y = I + C_c + C_w + E + G$$

2. Keynes, ao longo das páginas da *Teoria geral*, sugere que a situação normal numa economia capitalista é uma situação de não pleno-emprego dos fatores. Kalecki é mais explícito. Chega a apresentar uma explicação plausível para esse estado de coisas. Ver a esse respeito Os aspectos políticos do pleno emprego. In: KALECKI, Michal. *Crescimento e ciclo das economias capitalistas* São Paulo, Hucitec, 1980.

3. Ver Luta de classe e distribuição da renda nacional. In: KALECKI, Michal. Op. cit.

onde:

Y	renda ou produto nacional bruto
I	investimento
C <sub>c</sub>	consumo dos capitalistas
C <sub>w</sub>	consumo dos trabalhadores
E	saldo das exportações
G	gastos do governo

É evidente que os gastos governamentais terão tanto maior poder de ampliar a renda, quanto menores forem os impostos. Mas para se gastar mais do que se recolhe em impostos, o governo terá de contrair dívidas. Nesse caso teríamos déficit orçamentário. O G pode expressar o valor do déficit orçamentário. Pois bem, tanto o saldo líquido das exportações como o déficit orçamentário têm um poder multiplicador sobre os lucros. Estes serão tanto maiores quanto maiores forem o saldo de exportações e o déficit orçamentário.

O esforço que os países capitalistas fazem para conquistar e ampliar mercados avança nesta linha.

Keynes chegara à mesma conclusão. O que diferencia Kalecki de Keynes, neste aspecto, é que o primeiro mostrará que não interessa aos capitalistas que o governo use todo esse poder para eliminar o desemprego. A capacidade ociosa tem um papel funcional na economia capitalista, como já mencionamos. Eliminá-la totalmente, por meio de gastos governamentais, traria desvantagens para os beneficiários do sistema: (1) aumentaria o poder de barganha dos operários, (2) diminuiria o poder decisório dos próprios capitalistas.

#### 14.7 FATORES DETERMINANTES DAS PARCELAS QUE COMPOEM A RENDA NACIONAL

No modelo ampliado, vimos que a renda nacional (Y) compõe-se dos seguintes elementos:

I	investimento bruto
C <sub>c</sub>	consumo dos capitalistas
C <sub>w</sub>	consumo dos trabalhadores
E	saldo líquido das exportações
G	deficit orçamentário

ou:

$$Y = I + C_c + C_w + E + G$$